

Adorno e Horkheimer: Modos de Ler

“A civilização atual a tudo confere um ar de semelhança.” – É o que Adorno e Horkheimer proferem no início de *A Indústria Cultural – O Iluminismo como Mistificação de Massa*, ensaio publicado em *A Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos*, no ano de 1947. Um tratado crítico sobre a ordem da cultura no contexto da redução das relações a termos unicamente de produção e consumo, construído com o aparato teórico marxista que é próprio aos autores e a seus companheiros da Escola de Frankfurt. O tratamento dado às questões é duro: trata-se de um trabalho denso, cujo acesso se dá por meio de um esforço profundo de estudo e pensamento conceitual.

O texto gira em torno da idéia de que a cultura foi fagocitada pela estrutura capitalista e a sua produção passou a seguir o mesmo sistema das produções industriais, pautado pelo modelo fordista de produção em grande escala e curto prazo, cerceado pelas possibilidades de consumo, em lugar da contemplação e apreciação, cada vez mais imediato e efêmero. Esta relação, segundo os autores, deve boa parte dos seus méritos ao avanço técnico dos meios de reprodução e comunicação. A arte técnica já havia sido analisada de maneira brilhante por Walter Benjamin, também pensador da Escola de Frankfurt, no artigo *A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica* (1936), onde fica colocado que a obra de arte tende a perder muito da sua autenticidade e valor cultural no momento em que lhe é subtraído o seu caráter único, a partir daí, se dá uma mudança drástica na formação do olhar do público, na formação de um inconsciente óptico. Adorno e Horkheimer confirmam, cerca de uma década depois, os pensamentos do companheiro, colocando em evidência a total pobreza das peças culturais oriundas da relação de produção e consumo. Para além disto, extrapola-se desta condição a possibilidade expandida do uso ideológico das peças culturais. É importante ressaltar que esta é uma geração de pensadores que viu a ascensão do nazismo e foi obrigada a deixar seu país e viver em exílio na ocasião do Holocausto, então são pensadores que têm um conhecimento aproximado dos usos e consequências da chamada Indústria Cultural.

Devemos acessá-lo com um certo cuidado: encontramos nele uma postura extremamente eruditista e reacionária em relação às artes. Hoje em dia, o nível de inovação e o valor artístico do jazz são pontos pacíficos, mas no seguinte trecho, os autores dizem que

um jazzista que deve executar um trecho de música séria, o mais simples minueto de Beethoven, começa involuntariamente a sincopá-lo, e só com um sorriso de superioridade consente em entrar com o compasso certo. [...] Isto é [citando Nietzsche] ‘um sistema de incultura ao qual se poderia conceder certa unidade estilística, enquanto ainda tem um sentido falar em barbárie estilizada.

Esta afirmação não é apenas reacionária, também deixa evidente a visão eurocêntrica que os autores tinham da arte. O jazz é uma mistura de tradições musicais européias e africanas, mas

essa mistura é tratada no texto como uma subversão imperdoável de valores musicais absolutos, esquecendo-se de que a própria música de Beethoven foi, a seu tempo, uma grande subversão.

Exemplos como esse tendem a antipatizar o leitor, mas abstrair destes casos pontuais que refletem não mais que o gosto pessoal dos autores e se ater às generalizações críticas a respeito da sociedade que então emergia, de uma situação econômica que carece do aumento constante do consumo e portanto necessita fazer surgir no consumidor desejos infindáveis, de gerar contatos tão instantâneos e ínfimos que não permitam qualquer reflexão.

Transformando qualquer objeto cultural em produto, tornando-os assim todos iguais e ignóbeis. Concluo citando:

O principio básico consiste em lhe apresentar tanto as necessidades, como tais, que podem ser satisfeitas pela indústria cultural, quanto em, por outro lado, antecipadamente, organizar estas necessidades de modo que o consumidor a elas se prenda, sempre e tão só como eterno consumidor, como objeto da indústria cultural. Esta não apenas lhe inculca que no engano se encontra a sua realização, como ainda lhe faz compreender que, de qualquer modo, deve-se contentar com o que é oferecido.